

nordês

PERIÓDICO ANARQUISTA

UMHA COLABORAÇÃO ENTRE
ARDORA (S)EDIÇÕES ANARQUISTAS
E COLAPSO ZINES



N17 · NOVEMBRO 2019

UMHA VIAGEM SEM
RETORNO A NOSSA
COMPLETA LIBERDADE E
DIGNIDADE

O QUE ACONTECE NA
LAMA?

DE ESCRAVAS A
COMPANHEIRAS. O PRIMEIRO
MANIFESTO DAS
LIBERTÁRIAS GALEGAS

UMHA VIAGEM SEM RETORNO À NOSSA COMPLETA LIBERDADE E DIGNIDADE

PUBLICAÇÃO 'CONFRONTACIÓN ANARQUISTA' (CHILE). EDIÇÃO ESPECIAL OUTUBRO/NOVEMBRO DE 2019.

A explosom social que começou no dia 18 de outubro e a repressom desencadeada polo Estado demonstrárom o fracasso do modelo político e económico chileno.

A origem de todo isso vai além do governo contra o qual estamos a lutar hoje, e a revolta que se espalhou após as evasivas massivas lideradas por estudantes em luta tenham a sua origem na raiva polas atrocidades sofridas e permitidas durante décadas. Nada de bom pode surgir como consequência de dar ao Estado, aos políticos e às autoridades a capacidade de decidirem sobre as nossas vidas ao mesmo tempo em que tentamos sobreviver num sistema que transforma as nossas necessidades em negócio e o nosso tempo em dinheiro que nos foi imposto como única forma de obtermos o que precisamos.

Ao explodirem as ruas e as consciências, muitos de nós sentimos

que, com a explosom da raiva, embarcamos numha viagem sem retorno à recuperaçom da nossa plena dignidade e liberdade. E no meio de todo o que estamos a viver pessoal e coletivamente, sabemos que há pessoas que antes de 18 de outubro já percorreram os caminhos da luta ancestral por umha vida livre, sem Estado nem autoridade.

Nessa viagem, aprendemos que a medida do Estado de Emergência com militares na rua e toque de recolher decretado polo governo de direita de Piñera é apenas parte do arsenal repressivo que todos os governos pugérom em prática de várias formas ao longo da história.

QUEBRANDO COM UMHA NORMALIDADE IMPOSTA DURANTE SÉCULOS

No Chile e em todo o mundo, a tortura, o engano, o assassinato, a injustiça e as reformas que nom mudam nada de estrutural figérom parte da existência histórica do Estado como instru-

mento de opressom em benefício de umha elite.

Antes, e agora também, no Chile houve pessoas mortas, assassinadas, torturadas, encarceradas, presas, golpeadas ou desaparecidas devido à luta contra a ordem imposta ou apenas devido à sua condiçom económica, sexual ou étnica.

Através de nossas veias circula umha história sangrenta de intervençom militar e policial para aniquilar revoltas sociais e loitas por umha vida digna e livre de opressom: o extermínio do povo mapuche, o massacre de Santa Maria de Iquique, a ditadura de Pinochet, o estado policial da democracia e agora também a aguda repressom que enfrentamos.

No entanto, nas últimas semanas muitas mais pessoas sentírom na sua própria carne o papel opressivo do Estado policial militarizado que já era evidente à espreita durante anos em lugares como Wallmapu, okupas, populaçoms combativas e escolas secundárias em

loita a quem o Estado declarou a guerra há algum tempo atrás.

Hoje as autoridades estão mais uma vez a proteger a ordem social, política e econômica que construíram no seu benefício e fazem-no reprimindo nas ruas, enganando através da imprensa e falando de um suposto inimigo que procura afetar a vida das pessoas.

Esse inimigo que mencionam é todo aquele que luta e todo ato rebelde que se multiplica buscando abrir caminho a formas de relacionamento, de organização e de vida contrárias a àquelas que nos som impostas há anos.

Por isso, políticos, empresários e forças repressivas tentam convencer-nos de que temos que ter medo da desobediência e da revolta. Eles tentam fazer-nos cair na armadilha de pensar que os seus interesses e os nossos som os mesmos. Mas ao contrário de outros momentos da história recente, hoje em dia muitas mais pessoas nom acreditamos neles e continuamos a lutar.

É por isso que nom esquecemos cada golpe, cada tiro nos nossos corpos e nos dos nossos entes queridos, cada mentira e cada cúmplice que se posicionou em favor dos poderosos e de sua repressom.

Nom esqueceremos cada ato de rebeliom, cada abraço e cada gesto de apoio entre camaradas, amigxs e vizinhxs. Essa memória e esses gestos de raiva, amor e rebeliom fazem parte do cenário

de vida e luta que construímos todos os dias.

A SOLUÇÃO ESTÁ NAS NOSSAS Mãos

No Chile, algo começou a mudar. Algumas pessoas já acordaram antes, outras depois, mas a verdade é que, a pesar da repressom, continuamos a afastar-nos do modo de vida com que decidimos romper.

Hoje há mais de nós que nom queremos dar a ninguém senom a nós mesmos o poder de orientar os acontecimentos e os processos para um horizonte de liberdade e dignidade. É por isso que sabemos que o que construímos a partir de agora dependerá de nós e nom estamos dispostos a dar aos outros a capacidade de decidirem sobre as nossas vidas.

Nem a esquerda oportunista nem a direita ditatorial. Nem à Frente Ampla nem a qualquer um partido político. Nem a demissom de Piñera, nem novas eleições ou umha nova Constituição. Nada do que vem da ordem estabelecida com a qual estamos quebrando será capaz de nos dar umha solução.

Sabemos que muitas perguntas e preocupações sobre como continuar a inundar muitas pessoas neste momento. Desde nossa identidade anárquica de luta contra toda autoridade, e desde o que experimentamos em contato com outras vontades em meio à revolta, temos encontra-

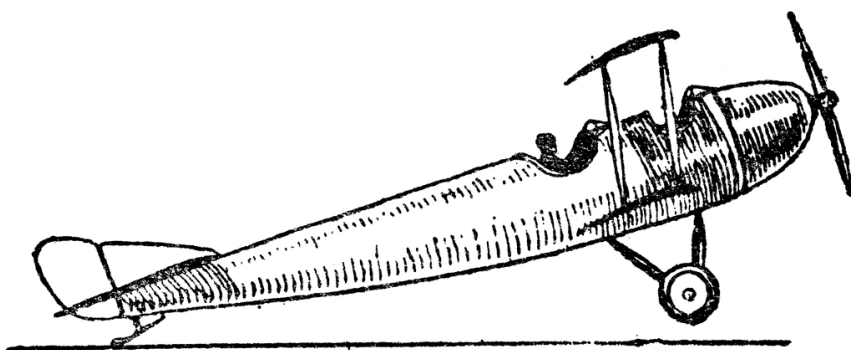
do as respostas e as ferramentas na experiência e aprendido a tomar posições de luta no aguçar do conflito contra a ordem social que lutamos. Encontramos estes instrumentos e respostas na multiplicação de atos em que se expressam a desobediência, o apoio mútuo e a ação direta.

Lutando juntxs e apoiando-nos diante dos efeitos da repressom e do medo da escassez provocada pelo Estado, deixando os nossos mundos pessoais e unindo forças com outras pessoas, cada umha contribuindo de acordo com sua capacidade de agir e pensar juntas sobre possibilidades de vidas diferentes das existentes fomos as respostas que fomos forjando a partir da autonomia de nom dependermos de ninguém, mas da nossa vontade de colocar-nos na ação.

Todo isto experimentáram milhares de pessoas as últimas semanas. Todo isso e muito mais desenvolveu-se sem qualquer tipo de líderes. De agora em diante, o que cada pessoa contribui influenciará o curso do que pode ou nom acontecer.

Aconteça o que acontecer, continuaremos a lutar e a encontrar todas as pessoas que continuam a experimentar e a expandir a liberdade em todos os atos de revolta contra a ordem do dinheiro e da autoridade.

Nom nos renderemos, nom recuaremos. Continuaremos a construir um novo mundo sobre as ruínas do sistema que estamos a destruir.



DE ESCRAVAS A COMPANHEIRAS, O PRIMEIRO MANIFESTO DAS LIBERTÁRIAS GALEGAS

MARCOS ABALDE COVELO NO GALIZALIVRE.COM

As mulheres
Quebrai, minhas amigas, essa terrível cadeia que vos oprime, avançai

entusiastas e recusai essas rançosas ideias que cada dia aumentam a vossa situação de escravas e fazeis mais difícil o vosso caminho. Revoltar-se contra essa classe de miseráveis que nos convertem em rebanho de ovelhas roubando-nos a saúde e a inteligência.

Como não ignorades, a terrível Inquisição torturou os ossos de milhares e milhares de infelizes, que se revoltavam contra os carrascos que em nome dum deus que não se comprovou a sua existência, matavam sem compaixão e eram as feras mais sanguinárias. Eles eram então os amos do povo, porque naquela época se achava mais ignorante do que hoje e os que se revoltavam eram vítimas dos maiores tormentos, mas hoje, minhas caras, os ideais avançam a passos de gigante.

A Inquisição ainda não terminou, a que agora temos é mais lenta e continuará a ser enquanto a mulher continue fanatizada pelas religiões. Avante, minhas amigas, avançai à sociedade moderna,

onde todo será harmonia e amor e em tempos não afastados a mulher não será a escrava do homem, será a sua companheira e juntos partilharão as suas alegrias.

Amália Fraguela assinou este texto publicado em 9 de julho de 1913 em *Tierra y Libertad*. O ano anterior fundara em Ferrol o primeiro grupo de galegas anarquistas. Para deixarem de ser “escravas do escravo” e cientes da necessidade de “educar e educar-se”, constituíram um coletivo denominado a *Antorcha*. Desejavam cooperar com a propaganda libertária e relacionar-se com todos os grupos da sua índole. O seu primeiro labor foi distribuir um manifesto titulado “As mulheres”, possivelmente o mesmo reproduzido mais arriba e onde ressoa a palavra luminosa e rotunda de Teresa Claramunt. Apesar de sofrer cárcere, tortura e desterro, aquela operária da indústria têxtil de Sabadell dedicou toda a sua vida a lutar pela dignidade das mulheres. Claramunt converteu-se no principal referente do anarquismo ibérico:

Não esqueças que a mulher tem que se preocupar pela sua sorte, elas devem ler os livros que en-

sinam (como som as obras anarquistas), devem estar associadas as suas irmãs e formar cátedras populares onde aprender a discutir ou para ir aprendendo o que precisamos saber.

Assim fizebam Amália Fraguela, Rosário Sardinha e Emília Cora naquele Ferrol tão dinâmico e combativo de princípios de século. Advertidas contra a resignação e os seus predicadores, passaram de escravas a companheiras. Estas proletárias da estirpe de Louise Michel bem sabiam que a emancipação das trabalhadoras só podia ser obra das próprias trabalhadoras.

*Revoltar-se contra
essa classe de
miseráveis que
nos convertem em
rebanho de ovelhas
roubando-nos a
saúde e
a inteligência.*

O QUE ACONTECE NA LAMA?

Desde o dia 1 de setembro, está em marcha umha greve de fome rotativa entre presxs de todos os cárceres do estado para dar a conhecer umha tabela de 14 pontos reivindicativos.

A maioria das reivindicações venhem amparadas por leis vigentes no estado, recolhidas bem no regulamento penitenciário como na nai das normas que supostamente é a constituição espanhola ou a declaração universal dos direitos humanos.

Por que reivindicar logo algo que está supostamente a funcionar? Simples, que esteja escrito num papel nom significa que seja efetivo ou queiram que seja efetivo, no mínimo quando o denunciado é alguém que pertence às engrenagens da maquinaria de controlo.

Os cárceres estão criados para a vingança, para vulnerar todos os direitos possíveis sem poder achar responsáveis, de aí que algunxs presxs lhes ponham sobrenomes como ‘centros de extermínio’ ou ‘cemitérios para homens vivos...’

A Lama nom é diferente ao resto de prisons, onde xs presxs nom deixam de denunciar maus-tratos por parte de carcereiros alegando que ‘[...] este funcionario quando vem tira-me toda a roupa e as fotografias de familiares ao chao..’ ou ‘[...] um amigo tinha comunicação por videoconferência com autorização e vinherom dez funcionários, dous chefes de serviços com um cheiro a uísque todos eles, a olharem-se e rindo sarcasticamente, com provocações e digérom que a câmara deste centro tinha quebrado. A sua família deslocara-se a outro centro gastando o dinheiro para vê-lo’.

Tal é a impunidade que ‘aparecem rapazes cortados e assassinados’ como já aconteceu no passado mês de outubro, quando Fabrizio Joao Silva Riveiro apareceu morto com umha ferida na cara estando num módulo isolado, após remeter umha carta à direção da prisom declarando desobediência aos funcionários. Outra morte que nom terá nunca culpáveis.

Para xs presxs de primeiro grau ou isolamento que passam praticamente todo o dia encerrados

sem contato com outrxs presxs, as suas condições fam-se cada vez mais duras já que, explicam, ‘nom temos nengumha atividade de nengum tipo. Quando chove nom podemos sair ao pátio porque nom está coberto. Nom temos ginásio nem temos nada’.

Ademais, falam de condições de habitabilidade inumanas nas celas, ‘sem calefação, tenhem-nos com mantas e lençóis da rua retidos polos da seguridade. As janelas nom fecham bem, entra-nos água, tenhem-nos com umha manta mui fina. Como também saímos ao pátio nom temos serviços (nas celas)’. Alguns contam que nom disponhem de água corrente.

‘Esta é umha gota do oceano de violações dos nossos direitos, que querem e tentam ocultar para que nom chegue à opinião pública’.

Por todo isto, há presxs que seguem ‘resistindo, fazendo frente ao sistema e as cloacas policiais e carcerárias. Lutando contra as injustiças, os abusos, as torturas e os maus-tratos e contra a inquisição que sofremos as pessoas presas’.

Abaixo os muros das prisons!

JORNADA DE REFLEXOM

COLAPSO ZINES

Disque estamos em jornada de reflexom eleitoral e estava eu a reflexionar sobre isto que me comentárom várias vezes pessoas achegadas que sabem que eu nom vou votar: por que nom cedo o meu voto a pessoas que vivem aqui mas nom podem votar (imigrantes sem papéis) ou pessoas que emigrárom mas querem votar igualmente? É dizer, se nom fago uso do meu direito a voto e outras pessoas querem e nom podem, se tenho esse privilégio, por que nom aproveitá-lo?

Bem, o tema é que eu sim estou fazendo uso do meu direito ao voto, fago uso deste direito abstendo-me como forma de protesto contra o sistema democrático, que a mim nom me parece menos válido do que votar no partido que tu consideres melhor. Mas este é o gram problema do abstencionismo, que existe

a ideia preconcebida de que as pessoas que nom votamos fazemo-lo porque nom nos importamos com quem saia, porque passamos da política, nom nos interessa... Este nenguneio obviamente nom é casualidade, obviamente ignoram-se as abstençoms nos meios para evitar certa reflexom eleitoral, que é a quantidade de pessoas descontentas com esta democracia e os partidos políticos que se aproveitam dela; nem sequer quando o número de abstençoms superárom ou igualárom o número de votos do partido triunfante fígérom mençom nengumha (nas últimas estatais o PSOE ganhou com os votos do 24'91% da populaçom e as abstençoms fôrom do 24'21%, e isso que foi mais gente votar do que nos últimos 15 anos). Por esta invisibilizaçom, a falácia de “se tés um mínimo interesse na política tés de votar em alguém” foi consolidando-se nas nossas mentes.

É certo que há pessoas que nom vam votar porque nom se importam com o resultado, da mesma maneira que há pessoas que vam votar em partidos políticos sem ler os programas que vam incumprir, mas esta nom é a norma geral da abstençom, e prova disto é o facto de que baixara tanto quando aparecérom novos partidos. O feito de que aumentasse tanto o número de pessoas que fôrom a votar nesse momento é mostra inegável de que havia gente que nom ia porque nom tinha confiança alguma nos partidos de sempre, nom porque “passassem da política”. Hoje em dia já vemos estes partidos novos, “partidos do cambio”, e já começamos a perder a confiança também neles, e vemos umha máxima que se repete sempre: os partidos políticos sempre incumprem o seu programa, sempre enganam e reprimem o povo e sempre atuam

em funçom de quantos votos podem conseguir para chegar e logo manter-se no poder.

Agora, nom estou a dizer que todos sejam iguais, se nom eu nom teria votado em Marea Atlántica no seu momento (nem teria sentido tanta raiva vendo a sua repressom durante quatro anos), mas também é certo que se sempre votamos no menor dos males sempre viveremos mal.

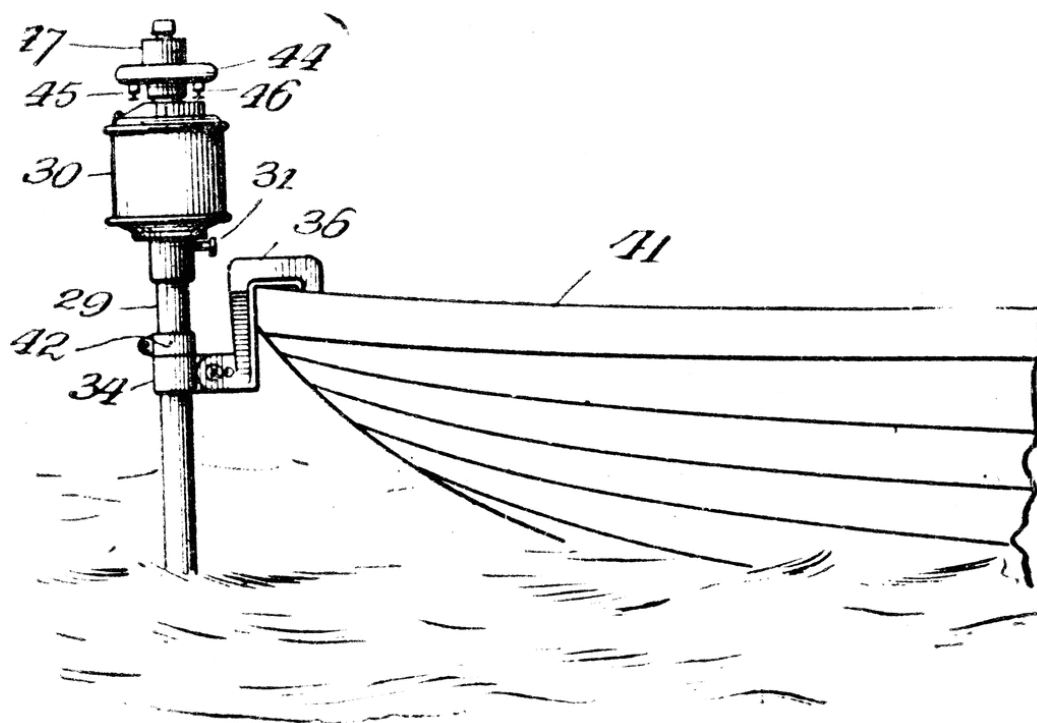
Também acho deprimente quando a norma é “votar contra algum” em lugar de “votar nalgum”. Falando com a minha gente, o argumento que mais se repetiu para ir votar no 10m é “para evitar que o fascismo entre nas instituçons”. Compreendo o medo a Vox, mas parece-me um argumento, no mínimo, mal formulado; eu diria antes bem “para evitar que outros indivíduos ainda mais fascistas tomem o poder”. Nom podemos esquecer que

o PSOE, partido que muitos votárom como “alternativa” contra a direita, é o partido que criou o grupo terrorista armado dos GAL e cujo líder e atual presidente do governo defendeu na televisom pública (em “Moros y cristianos” no ano 1997). Também me resulta curioso o argumento de que votar é umha forma de impedir que o fascismo chegue ao poder quando olho ao meu arredor e é precisamente essa a ferramenta que utilizou o fascismo nos últimos anos para tomar o poder em vários Estados. Tampouco entendo mui bem isso de combater o fascismo nas urnas, pois se votar parece-che umha maneira legítima de frenar o fascismo, também deveria parecer-che umha forma para alcançar o poder já que, dumha perspetiva democrática, se um partido fascista é eleito, tu nom és quem de dizer que nom deve ser assim quando foi o povo

quem o votou, seria como de mal perdedor.

Ademais, olho cara a atrás e vejo que nas grandes conquistas sociais o governo sempre esteve no lado oposto ao povo: jornada de 8 horas, sufragismo feminino, direitos lgtbt+, defesa da terra... Independentemente de quem estiver no poder, estes avanços levárom-se a cabo porque o povo organizou-se de abaixo fazendo frente ao governo, sendo assassinado por este, porque, como di Assata Shakur, “ninguém no mundo conseguiu a sua liberdade apelando ao sentido moral dos seus opressores”.

Para rematar, sempre cumpre lembrar Ricardo Mella: “votade o que estimes conveniente na jornada de eleiçons, ou abs-tende-vos. Mas nom esqueçades nunca que o primordial é o que fazedes, com a vossa luita, os 364 dias restantes do ano”.



LENDO 'ANARQUISTAS Y LIBERTÁRIAS, AQUÍ Y AHORA'

Taibo analisa neste novo livro a situação atual do movimento anarquista-libertário desenvolvido, basicamente, no território abrangente do Estado espanhol.

Recolhe em primeiro termo uma nova reflexão arredor de dois conceitos chave já colocados por ele em textos anteriores, o de anarquistas e o de libertárias. No primeiro grupo, caberiam as pessoas que se adscvem à doutrina ideológica anarquista ou que fazem parte de facto de alguma organização de tal doutrina. No segundo caso, o das libertárias, encontraríamos um conjunto de movimentos, bem mais amplos, que se bem não necessariamente se identificam com o anarquismo, desenvolvem na sua vida práticas que partilham com este: a ação direta, a autogestão e o apoio mútuo. Num segundo capítulo Taibo centra-se em duas figuras que do

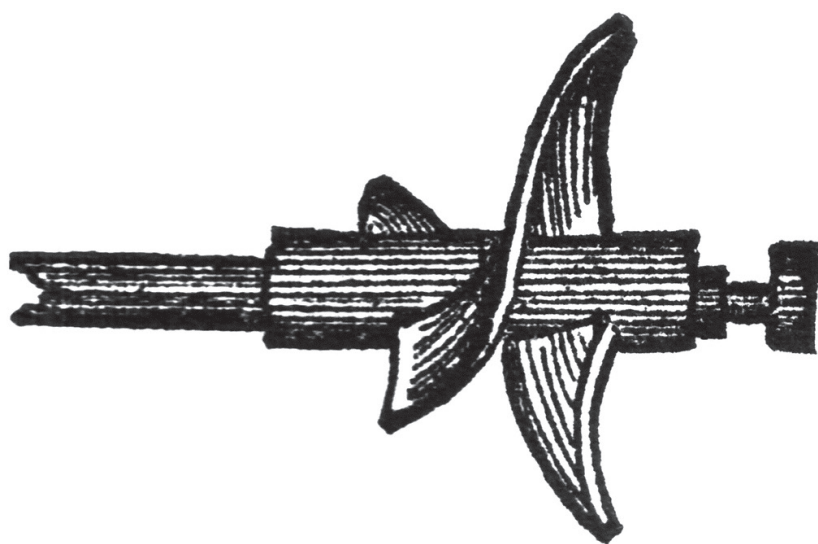
seu ponto de vista assumem certa presença em círculos anarquistas atuais e que chama, de forma irónica, de anarcotestosteronismo e anarcobolchevismo. É no terceiro capítulo que retoma a questão central do livro, tentando mapear, de alguma forma, a vitalidade e diversidade do mundo anarquista-libertário. Para isto, desenvolve brevíssimos capítulos sobre alguns dos elementos que considera vertebradores do movimento e que entende pertinentes para a sua organização e configuração: os centros sociais, a luta contra as prisões, os feminismos, a militância intergeracional, o animalismo, a criação de espaços de lazer diversos, a descolonização, a importância da produção teórica...Interessa-nos também especialmente o último dos capítulos, dedicado a analisar o papel que joga o movimento anarquista-libertário no relativo à questão catalana. Aponta Taibo alguns pontos para complexizar o debate, como

o relativo a focar a atenção no fator de classe dos discursos do soberanismo ou lembrando, por outra parte, que nem é a primeira vez que no anarquismo nos vemos na conjuntura de posicionar-nos perante conflitos relativos à questão nacional.

De particular interesse para o nosso espaço político parece repensarmos conceitos como o de autodeterminação ou independência, que no mundo libertário galego foram até há pouco desatendidos por completo, entregando-os ao discurso do nacionalismo que muitas das vezes focou apenas, e já não é algo, na chave nacional, com pontuais e exemplificantes críticas e reformulações do independentismo de base.

Dados do livro:

'Anarquistas y libertarias, de aquí y ahora'. Carlos Taibo Editorial Catarata, Madrid, 2019.



Ardora
(s)edições anarquistas

ARDORAEDITORIA.INFO · ARDORA@BASTARDI.NET

COLAPSO
—| ZINES |—

COLAPSOZINES@RISEUP.NET